

TRABALHOS DE PESQUISAS

CURSO DE EXTENSÃO: SEXOLOGIA NA GRADUAÇÃO

Gabriela Andrade de Araújo¹; Alanna Queiróz Julião¹; Indiomar Daiane de Souza Lemos¹; Juliana Richter Paes de Lima¹; Carla Gabriela Côrrea da Silva¹; Larissa Oliveira Soares¹; Laiza de Jesus de Moraes¹; Patrícia Alexandra dos Santos Schettert do Valle²

EXTENSION COURSE: SEXOLOGY AT GRADUATION

Resumo: A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza a sexualidade como um aspecto do ser humano integrado à totalidade do ser. Ela interfere em nossos pensamentos, sentimentos e ações, além da saúde física, mental e espiritual. É algo que não podemos deixar de citar que é um direito fundamental de qualquer cidadão e está totalmente ligada à educação, à saúde e aos direitos civis. Sob tal perspectiva, acreditamos que, por meio da educação em sexualidade, seja possível formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis, tanto em uma dimensão individual quanto social, contribuindo, assim, para a desconstrução de mitos, tabus e preconceitos que cercam a sexualidade humana. Porém, há uma falta de formação dos profissionais de saúde e educação na área da sexologia, abrindo uma lacuna que pode causar constrangimento ao precisarem abordar temas relacionados à sexualidade. Como resultados, evidenciamos a eficácia do curso implementado no ambiente universitário por meio de avaliação pré e pós do curso. Diante disso, o grupo PET Sexualidade, Educação Sexual reconhece a importância e a necessidade de abordar a Sexologia dentro do ambiente universitário, por meio de um espaço aberto de reflexão, diálogo, aulas expositivas, textos, dinâmicas e oficinas.

Palavras-chave: educação em sexualidade; sexologia na graduação; sexualidade humana

Abstract: The World Health Organization (WHO) recommends sexuality as an aspect of the human being integrated into the totality of being. It interferes in our thoughts, feelings and actions, beyond the physical, mental and spiritual health. It is something we can not fail to mention that it is a fundamental right of every citizen and is fully connected to education, health and civil rights. From this perspective, we believe that through sexuality education, it is possible to form citizens aware, critical and responsible, both on an individual and social dimension, thus contributing to the deconstruction of myths, taboos and prejudices surrounding human sexuality. However, there is a lack of training of health professionals and education in the field of sexology, opening a gap that may cause embarrassment to the need to address issues related to sexuality. The results have shown the effectiveness of the course implemented in the university environment through pre and post travel. Thus, the PET group Sexuality, Sexual Education recognizes the importance and the need to address the Sexology within the university environment through an open space for reflection, dialogue, lectures, texts, dynamic and workshops.

Keywords: sexuality education; sexology at graduation; human sexuality

¹Bolsista do Programa de Educação Tutorial: sexualidade e educação sexual. Estudante do curso de Fisioterapia do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFRJ).

²Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade Adventista de Enfermagem (1985). Mestre em Sexologia pela Universidade Gama Filho (2002). Doutora em Saúde Coletiva (2008) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Medicina Social (Uerj/IMS). Tutora do projeto do Programa de Educação Tutorial (PET) Sexualidade e Educação Sexual – Ministério da Educação (MEC).

E-mail: pet.sexualidade@ufrj.edu.br

Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1975) preconiza a sexualidade como um aspecto do ser humano integrado à totalidade do ser. Ela interfere em nossos pensamentos, sentimentos e ações, além da saúde física, mental e espiritual. É algo que não podemos deixar de citar porque é um direito fundamental de qualquer cidadão e está totalmente ligada a educação, saúde e direitos civis.

Segundo Serapião (1999), a sexualidade é intrínseca à vida e contribui para o equilíbrio biopsicossocial dos indivíduos, e a maneira como cada um deles percebe sua sexualidade influenciará diretamente sobre seu modo de agir e sua conduta sexual, não se limitando a um simples comportamento estereotipado, mas a toda uma forma de sentir, pensar e desejar. Entretanto, falar de sexualidade humana ainda soa estranho para algumas pessoas, devido à sua pouca abordagem, seja no ambiente de trabalho, seja no meio familiar, escolar e até mesmo universitário.

Sob tal perspectiva, acreditamos que, por meio da educação para a sexualidade, seja possível formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis, tanto em uma dimensão individual quanto social, contribuindo, assim, para a desconstrução dos mitos, crenças, tabus e preconceitos que cercam a sexualidade humana.

Neste sentido, o estudo da Sexologia na Graduação é um espaço oportuno para o conhecimento e a discussão da temática, uma vez que a maneira como cada indivíduo se relaciona consigo mesmo pode traduzir suas percepções – e isso influenciará seu fazer profissional. Entretanto, segundo Serapião (1999), ainda se observa uma defasagem nos currículos dos cursos de graduação, o que nos chama a atenção para a necessidade de discussão dos temas da Sexologia no âmbito acadêmico, dando ênfase às faculdades da área de saúde, uma vez que os futuros profissionais, quando no exercício de sua prática, irão se deparar com inúmeras situações que exigirão deles conhecimentos sobre o assunto.

A falta de formação nessa área abre uma lacuna que pode causar constrangimento nesses profissionais para trabalhar a sexualidade de seus pacientes quando necessário.

Para a transformação social da sexualidade, é necessário superar os pressupostos

biomédicos para um modelo que considere a sexualidade como o resultado de múltiplos fatores socioculturais, incluindo em seu escopo de análise a perspectiva das relações de gênero de forma transversal.

A base dos currículos acadêmicos tem influência nos pensadores da Grécia clássica, quando o direito à democracia não se estendia às mulheres e aos escravos (ou seja, a maior parte da população).

Por outro lado, se acreditarmos que a educação para a sexualidade deva ser trabalhada como um novo conteúdo a ser acrescentado aos já existentes, cumprirá apenas a função de sobrecarregar os programas e dificultar a tarefa do corpo docente.

Portanto, ao definirmos o currículo do Ensino Superior, devemos selecionar os conteúdos tendo como principal objetivo levar os alunos a pensar, compreender e manejar adequadamente o mundo que nos rodeia.

“A menos que tenhamos boas sensações a respeito de nós mesmos como seres sexuados, a menos que as palavras fluam de forma correta, a mensagem é incongruente.” (SCHETTERT, 2002, p. 42)

Nesse sentido, o *campus* Realengo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) tem priorizado esse tema na formação de seus alunos, buscando desenvolver como linha de pesquisa a Sexologia nos cursos voltados à área da saúde, por meio de curso de extensão e atividades que promovam o desenvolvimento destes três eixos: ensino, pesquisa e extensão.

Do ponto de vista do ensino, visamos ampliar o conhecimento teórico na área de Sexologia, trazendo contribuições contemporâneas sobre o tema. No eixo da pesquisa, buscamos estimular e desenvolver as habilidades do aluno com relação à pesquisa, fomentando um olhar crítico, participativo, capacitando-o em termos metodológicos, tornando-o apto a discussões acerca de assuntos relacionados à sexualidade humana. Quanto ao eixo da extensão, o Programa de Educação Tutorial (PET) Sexualidade – por meio do curso de Sexologia na graduação, bem como de outros projetos de extensão – tem como meta gerar subsídios que possibilitem a elaboração de propostas de

intervenção a serem realizadas junto ao público-alvo desse programa, podendo ser implementadas propostas complementares, como: oficinas vivenciais, grupo de orientação a profissionais da instituição etc., além das atividades propostas. Com essas ações de extensão, acreditamos que o aluno terá a oportunidade de uma melhor formação acadêmica, uma vez que passará a conhecer a real necessidade da população.

Pensando nisso, foi criado em 2010 o Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Sexualidade e educação sexual, quando docentes e discentes relataram a necessidade de serem discutidos conteúdos relacionados à sexualidade humana em sua formação.

Dessa maneira, propomos a implantação desse projeto de pesquisa como proposta integradora dos cursos de saúde. Muito além de prepararmos alunos dos cursos de graduação em saúde do IFRJ (*campus* Realengo) para o mercado de trabalho, temos o intuito de formar cidadãos aptos a enfrentar as dificuldades da vida em sociedade e a refletir em sua prática diante de um mundo que exige a aquisição e inovação de conhecimentos.

O grupo PET Sexualidade é composto por alunas dos cursos de graduação em Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional do IFRJ/Realengo, sob orientação de uma tutora docente. As alunas, também chamadas de petianas, são submetidas a uma capacitação com duração de dois anos, cujos conteúdos são divididos em quatro módulos, sendo o último deles destinado a elaboração de um artigo individual para a conclusão do PET. Durante os módulos, são discutidos os seguintes temas: educação sexual, história e diretrizes da educação sexual, etapas do ciclo da vida humana, anatomia e fisiologia, climatério e menopausa, sexualidade de pessoas com deficiência, entre outros.

Com este programa, observou-se o potencial de se ampliar a discussão e formação para os demais alunos do *campus*; foi então que surgiu a necessidade de se criar um curso aberto e que discutisse temas voltados à sexologia.

Ao reconhecermos a importância, bem como a necessidade de se abordar a sexologia dentro do ambiente universitário, faz-se necessária a criação de um espaço de reflexão que discuta temas voltados à sexualidade

humana, a partir de um diálogo aberto, com aulas expositivas, textos, dinâmicas e oficinas que possibilitem a complementação da formação desses futuros profissionais. Espera-se que os alunos participantes, ao concluírem o curso, sejam capazes de notar que os sentimentos e pensamentos influenciam o exercício da sexualidade e possibilitam que ela seja percebida como um processo de transformação contínua, com características peculiares semelhantes às transformações que ocorrem em toda a sua estrutura biopsicossocial e espiritual, tornando-os melhores profissionais.

Estrutura do curso Sexologia na graduação

O curso Sexologia na graduação é um projeto de extensão de natureza qualitativa, oferecido para alunos que estejam cursando alguma graduação visando à qualificação dos mesmos.

Com o objetivo de contribuir com a educação em sexualidade, o curso leva os alunos a buscarem um complemento na sua formação acadêmica, aprofundando-os em temas da área de sexologia com relevância para os cursos de saúde.

O curso foi construído em dois módulos, e os conteúdos foram formulados de acordo com os seguintes temas: Educação para a sexualidade, Saúde da mulher e Sexualidade de deficientes. Cada módulo teve carga horária de 50 horas (sendo 40 presenciais e 10 à distância) por meio da leitura de textos complementares, realização de atividades de extensão em educação para a sexualidade e criação de um projeto de sob a temática principal – Sexologia –, totalizando assim 100 horas. Os encontros aconteceram semanalmente com a duração de 4 horas, no próprio *campus* do IFRJ/Realengo.

O primeiro módulo teve como objetivos: analisar as dimensões biopsicossociais e históricas da sexualidade humana; desconstruir mitos, preconceitos e tabus; identificar as manifestações da sexualidade nas diferentes fases do desenvolvimento; discutir concepções sobre sexo/gênero e diversidade. Por meio da educação para a sexualidade, o segundo módulo visou aprofundar-se nos diferentes aspectos do desenvolvimento sexual do ser humano em diversos tipos de deficiência (sensorial, motora, intelectual, entre outros), levando os alunos a buscar minimizar os pre-

conceitos que permeiam a discussão da sexualidade da pessoa com deficiência.

Como instrumento de avaliação, criou-se um questionário com 41 perguntas sobre educação para a sexualidade, com o objetivo de se avaliar a efetividade do curso e a evolução desses alunos frente à temática. O instrumento avaliativo foi aplicado e reaplicado ao final do curso pelas "petianas".

A divulgação do curso foi realizada pelas redes sociais e por cartazes informativos. As inscrições poderiam ser feitas a distância e presencialmente. Como critérios de seleção para participação do curso, os alunos deveriam estar inscritos em algum curso de graduação em saúde.

Foram inscritos 30 alunos do IFRJ/Realengo e 1 aluna da UFRRJ/Seropédica; na aula inaugural, 23 alunos compareceram, e 19 (com idade média de 20 anos) foram selecionados para participarem do curso, que ocorreu de setembro de 2015 a abril de 2016. Os dados obtidos no questionário aplicado no início do curso e reaplicado ao final foram analisados a partir do programa Qualiquant Soft.

Perfil dos alunos

Com objetivo de levantamento do perfil desses alunos sobre o conhecimento na área de Sexologia, aplicou-se o questionário, cujo dados após análise são apresentados a seguir:

Participaram dessa amostra 19 alunos, sendo 57,9% do curso de Fisioterapia, 31,5% de Terapia Ocupacional e 5,3% de Farmácia e Psicologia cursando entre o 2º e 5º período. Quanto à religião, 42,1% eram evangélicos/protestantes, 26,3% católicos e 31,6% deixaram em branco.

Quando perguntados sobre o que entendiam por sexualidade humana, 31,58% reconheceram que ela vai além do ato sexual, ultrapassando a esfera biológica, e 68,2% responderam que está ligada às funções reprodutiva e biológica.

A respeito de como se sentem (ou sentiram) quando têm (ou tiveram) de abordar o tema sexualidade com algum paciente e/ou outro aluno, 47,37% disseram que se sentem (ou sentiram) despreparados, envergonhados e constrangidos.

Em relação à necessidade de o profissional de saúde adquirir conhecimento sobre sexualidade, todos reconheceram ser impor-

tante; quando perguntados sobre o porquê dessa importância, 78,95% disseram acreditar no conhecimento do ser humano na sua integralidade, uma vez que a sexualidade se faz presente em todas as esferas da vida.

Quando questionados sobre o embasamento em Sexologia adquirido no curso de graduação, 42,11% classificaram-no como defasado, precário e insuficiente.

Com relação à educação sexual obtida pelas próprias famílias, 31,6% afirmaram ter sido boa e aberta, 26,3% alegaram ter sido ruim, 21% acreditam não ter tido educação sexual, 5,3% disseram que a tiveram com foco na prevenção, 10,5% acreditam que está em formação e 5,3% têm vergonha de falar sobre o assunto.

Ao serem perguntados com quem tentavam esclarecer as dúvidas sexuais na adolescência, 36,84% disseram que com os amigos, 21,05% com mãe e irmãos, 15,79% com os professores, e 5,26% com o profissional de saúde. Quando questionados com quem gostariam de ter obtido esse esclarecimento, 31,58% disseram que com a mãe, e sobre quando a família deveria iniciar a educação sexual, 31,58% disseram que na pré-adolescência, 26,31% na adolescência e apenas 21,05% acreditam que deveria ser na infância, enquanto que 21,06% disseram não saber e/ou não responderam.

A respeito de quando a educação sexual deve ocorrer ou iniciar, 31,58% disseram que na pré-adolescência, 26,31% na adolescência, e apenas 21,05% reconheceram ser na infância; 21,06% disseram não saber e/ou não responderam.

Quando questionados se os alunos se sentem à vontade para conversar sobre sexo com qualquer pessoa, 84,2% disseram que não. Ao serem perguntados com quem eles têm mais facilidade, 73,6% afirmam que com os amigos, e 84,2% afirmam ter mais dificuldade para falar com familiares, incluindo os próprios pais.

Ao analisarmos o que entendiam por papel sexual, 36,84% mencionaram ser parte da personalidade do indivíduo (entretanto, não sabiam ao certo o que isso significa); 10,53% fizeram relação às funções dos sujeitos dentro da sociedade, bem como o dever de homem e mulher; 52,63% dividiram-se entre: função e autonomia exercida no que diz respeito à sua sexualidade (10,52%), obrigação de fazer

sexo (5,26%), e os demais não souberam responder. Quanto ao que entediam sobre identidade sexual, 84,21% responderam ser como o indivíduo se vê, se reconhece e se comporta.

Quanto ao entendimento desses alunos sobre o ciclo da resposta sexual, 63,16% afirmaram que se trata do período em que os organismos masculinos e femininos reagem aos estímulos sexuais, e, em relação às fases do ciclo da resposta sexual, observou-se que 73,68% não souberam descrevê-las corretamente.

Quanto ao conhecimento desses alunos a respeito da anatomia feminina, 21,5% souberam identificar quase 100% das partes dos órgãos sexuais femininos e 47,36% souberam 70%; os demais não souberam responder adequadamente. Quanto ao conhecimento sobre a anatomia masculina, apenas 10,52% acertaram quase 100% das respostas, 21,05% acertaram em média de 70%, e 68,3% praticamente não souberam responder.

Ao serem questionados se sabem o que é disfunção sexual, 84,21% referiram-na como sendo alguma dificuldade sentida por uma pessoa ou um casal durante qualquer estágio do ciclo da resposta sexual. Quando perguntados sobre os tipos de disfunções sexuais masculinas, 57,89% citaram ejaculação precoce e impotência sexual; a respeito das disfunções femininas, 21,05% citaram dispareunia, anorgasmia, vaginismo e desejo sexual hipoaativo.

Como proposta avaliativa do curso, o questionário foi reaplicado com o objetivo de avaliar a efetividade, o aproveitamento e a evolução dos alunos frente à temática sexologia. Pôde-se observar uma boa evolução dos conteúdos ministrados; entretanto, alguns alunos não puderam concluir o curso, em virtude da dificuldade de conciliá-lo com a grade curricular. Enquanto 19 pessoas concluíram o primeiro módulo (com duração de 50 horas), 15 finalizaram com 100 horas.

Refletindo sobre a importância da sexologia na grade curricular a partir das análises

A sexualidade humana é constantemente tratada de modo limitado na formação acadêmica, prejudicando a construção do conhecimento. Segundo Santos e Campos (2008) e Jones et al. (2005), esse tema é abordado de forma restrita e até superficial durante a

formação acadêmica. Isso acaba comprometendo a compreensão adequada e profunda do tema e, em consequência, a construção do conhecimento do futuro profissional da saúde (BRÊTAS et al., 2008; ALENCAR et al., 2010).

Nesta análise, verificou-se que, apesar de os alunos serem de um curso de saúde e já terem passado por disciplinas como anatomia, psicologia do desenvolvimento, genética, urogineco (alunos de Fisioterapia), terapia ocupacional em Saúde da mulher e desenvolvimento infantil, cujos conteúdos deveriam conter temas relacionados à sexualidade humana, essa não é uma realidade nos cursos de saúde do grupo pesquisado. Nota-se uma grande deficiência quanto à abordagem da Sexologia e que as disciplinas, de modo geral, apenas citam questões sobre a sexualidade ou trazem uma abordagem biologicista, focada na patologia e nas questões que exploram os aspectos preventivos, como o corpo humano, as diferenças sexuais e a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis HIV/AIDS (MAIA, 2004). Entretanto, sabe-se que o estudo da sexualidade vai muito além; engloba aspectos biopsicossociais e espirituais dos indivíduos, sendo, portanto, inseparável dos demais aspectos da vida, em razão de ser uma necessidade básica do ser humano e que, por isso, deve receber a devida atenção dos profissionais da saúde (SANTOS et al., 2007).

Com a defasagem dessa abordagem, os alunos mencionaram esse curso de Sexologia como um espaço único para tal aprendizado, sem o qual não teriam a oportunidade de estudar e compreender o indivíduo na sua integralidade e que, mesmo a OMS preconizando a importância do conhecimento do indivíduo na íntegra, a sexualidade muitas vezes é ignorada, embora deva ser considerada um direito básico do ser humano.

A partir do curso, foi possível formar pessoas mais críticas, buscando conhecer a própria sexualidade e instrumentalizadas para abordarem a sexualidade de seus futuros pacientes. Antes de participarem do curso, observava-se que esses alunos se sentiam despreparados, envergonhados e constrangidos ao se depararem com situações que lhes exigiam algum conhecimento sobre sexualidade – isso porque não desconheciam o assunto. A falta desse conhecimento é fator-chave que explica o desconforto de profissionais e acadêmicos ao abordarem a saúde sexual dos pa-

cientes (MANDÚ, 2004). Agora, por sua vez, após a conclusão do curso, 42,8% dos alunos disseram que se sentem preparados, seguros e confiantes para falar a respeito do tema. Logo, quem tem noções e se apropria de determinado conteúdo adota uma postura positiva relacionada ao tema.

Por consequência de não ser trabalhada a Sexologia na saúde, mantêm-se estereótipos e alimentam-se preconceitos, mitos e tabus acerca da temática. Como se vê, os pais não estão preparados para o diálogo, pois estão repletos de ideias negativas e, por vezes, associam sexo a pecado (MOTTA, 1996).

Ao serem questionados a respeito de quando deve ser iniciada a educação sexual, os alunos afirmaram que ela deve ocorrer na infância, quando surgirem os primeiros questionamentos e curiosidades. Eles acreditam que essa educação deve ser ministrada pelos pais – o que evidencia a necessidade de um diálogo mais aberto e de que essa educação se inicie dentro das famílias (entre pais/cuidadores e filhos). Porém, ela ainda é insuficiente, fazendo com que a escola assuma a responsabilidade de educar minimamente as crianças a respeito da sexualidade, uma vez que os pais, em sua maioria, não o fazem. Entretanto, mesmo a escola assumindo esse papel, observa-se que essa educação ainda é muito deficitária.

O conceito de sexualidade para os alunos (antes de participarem do curso) estava ligado às funções reprodutiva e biológica. Após o curso, no entanto, esse entendimento pôde ser ampliado, pois os alunos passaram a reconhecer que a sexualidade vai além do ato sexual, ultrapassando a esfera biológica. Contudo, embora tenha havido melhora expressiva na compreensão desse conceito, notou-se que eles ainda têm dificuldade de compreendê-lo para além do sexo, como algo intrínseco ao ser humano, uma vez que a sexualidade ainda é pouco visto como algo que também sofre muitas influências e interferências do meio em que o indivíduo está inserido (LEÃO, 2007; RIBEIRO, 2000), e esta se manifesta de forma biopsicossocial e espiritual, cuja expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes (BRÊTAS et al., 2008).

Quando questionados se se sentem à vontade para falar sobre sexo com qualquer pessoa, observou-se melhora relacionada a essa questão, pois a formação não só ampliou

o conhecimento, como também os auxiliou na autoconfiança e apropriação do conteúdo, possibilitando um diálogo mais aberto entre eles e os pais.

Em relação ao que entendem do papel sexual, os alunos disseram que este faz parte da personalidade do indivíduo, porém, não sabiam ao certo seu significado. Ao final do curso, 85,7% dos alunos conseguiram compreender a definição de papel sexual, fazendo relação com as funções dos sujeitos dentro da sociedade, sendo esse papel algo já determinado pela sociedade/cultura, que espera que tal indivíduo exerça seu papel dentro dos “padrões de normalidade”.

Quanto ao conhecimento sobre as anatomias feminina e masculina, evidenciou-se que anteriormente os alunos não sabiam identificá-las; no entanto, a partir do curso, esse quadro mudou significativamente (mais de 50% conseguiu fazer essa identificação). Isso torna visível a eficácia e apropriação dos conteúdos ministrados no curso, o que demonstra uma melhora de 46,6% na nomeação das estruturas dos órgãos sexuais masculinos e femininos.

Com relação às disfunções sexuais, observou-se que a maioria dos alunos sabia descrever conceito. Todavia, obteve-se uma melhora de 100% para essa descrição, à medida que todos os alunos conseguiram relacionar o conceito a uma incapacidade, falha, dificuldade ou alteração no ciclo da resposta sexual que comprometa o desempenho sexual. Dentre as respostas, 21,4% relacionaram essas disfunções também a patologias.

Outro ponto a ser ressaltado tem relação com as disfunções sexuais masculinas e femininas. Nessa questão, por sua vez, observaram-se melhoras na identificação de ambos os tipos. No que diz respeito às disfunções masculinas, todos os alunos mencionaram a ejaculação precoce, e 71,4% mencionaram também a disfunção erétil. Em relação às disfunções femininas, 92,8% mencionaram o vaginismo, 85,7% a dispareunia, e 28,5% o desejo sexual hipotativo. Isso demonstra que o objetivo a respeito do conhecimento das disfunções sexuais mais frequentes em ambos os sexos pôde ser alcançado.

Em face do exposto, é notória a mudança de pensamento, comportamento e atitudes dos alunos. Vale a pena ressaltar, também, a apropriação das temáticas abordadas ao lon-

go do curso, as quais os levaram a um maior conhecimento de si mesmos e da própria sexualidade, tornando-os habilitados a trabalhar a sexualidade de seus futuros pacientes. Contudo, ainda existe uma lacuna muito grande na formação desses alunos. Embora o curso tenha concedido oportunidades para o conhecimento e/ou aprofundamento em sexologia, essa problemática ainda precisa ser reestruturada, a fim de que haja uma adaptação nos currículos de Graduação. Para a solução desse problema, todos da área da saúde precisam obter informações, estar livres de preconceitos e sentir-se confiantes para desenvolver atitudes e comportamentos eficientes durante a prática clínica (SHINDEL et al., 2010; SANTOS et al., 2007). Sendo assim, a inclusão do estudo da Sexologia ampliará a visão sobre a integralidade do indivíduo.

Como avaliação final, foi solicitado que cada aluno escrevesse em poucas palavras o que o curso representou para eles. Reproduzimos, a seguir, alguns relatos obtidos ao término do curso.

“Foi um privilégio muito grande participar do curso, pois não fazia ideia de como a sexualidade é um assunto amplo e inerente a todos os aspectos da vida do ser humano. Ao passo que trata de assuntos tão polêmicos com tanta naturalidade, faz com que se desconstruam paradigmas próprios e impostos pela sociedade. Sinto que, após o curso, tenho capacidade e sensibilidade para ser uma profissional da saúde diferenciada, que entende que o paciente é mais que uma lesão ou segmento do corpo, e acima de tudo hoje posso dizer que me conheço e respeito como pessoa singular, que não precisa seguir padrões. Realmente acredito que a matéria deveria ser obrigatória para alunos e professores.” (A.)

“O sentimento de totalidade me consome após o curso; hoje entendo e tenho a consciência de um indivíduo integral. Hoje eu sou integral, tive mudanças na minha vida pessoal em relação a quem eu sou e enfrentei/confrontei meus próprios tabus. Meu relacionamento mudou, eu mudei, e meu olhar mudou. Meu conhecimento se enriqueceu, e, a partir daí, posso e devo transmitir tudo o que me permitiu aprender aqui, 100% de contribuição para minha vida profissional e pessoal. Não vou parar por aqui; ainda

tenho muito o que aprender e continuar nesse caminho onde me encontrei. Muito obrigada pela oportunidade.” (B.)

“O maior efeito do curso de Sexologia foi enxergar a naturalidade da sexualidade, poder falar com propriedade de algo que te pertence. Antes do curso, a sexualidade se resumia a “pode” e “não pode”. Hoje, eu descobri que entre o sim e o não existe um mundo a ser explorado. Tudo isso com certeza irá refletir no profissional que serei amanhã, um profissional completo.” (C.)

Os relatos foram surpreendentes e evidenciaram o sentimento de realização dos alunos por terem participado desse. No entanto, foi impossível mensurar o verdadeiro significado dessa iniciativa tanto para a vida acadêmica quanto para a vida pessoal dos alunos.

Conclusão

O potencial do desenvolvimento da sexualidade só será possível através da multiplicidade de modelos teóricos na definição do objeto de estudo, bem como da intervenção de disciplinas científicas a fim de esclarecer questões sobre sexualidade. Isso porque é impossível estudar e compreender isoladamente qualquer um dos eixos da sexualidade sem abordar outros. Por essa razão, faz-se necessário um trabalho multidisciplinar, pois somente assim poderemos compreender o indivíduo na sua integralidade.

Dessa maneira, é necessário criar e implantar um espaço sobre Sexologia na grade curricular das instituições de Ensino Superior, pois, por meio dela, o aluno terá a oportunidade de aprofundar seus conceitos, revisar seus valores e desmitificar mitos, crenças e tabus acerca da sexualidade, visto que os profissionais de saúde são agentes multiplicadores de informações relacionadas à sexualidade do paciente e, portanto, educadores sexuais em potencial (SERAPIÃO, SILVA, 1996).

O curso de extensão foi de suma importância para a formação dos alunos, pois propiciou a eles uma visão integral do sujeito, além de levá-los a refletir sobre seu papel como multiplicador em educação para a sexualidade. Por meio dele, ficou evidente o quanto a educação para a sexualidade tem o poder de transformação. Desta forma, possibilitou que

refletissem sobre seus papéis como futuros profissionais da Saúde, bem como educadores e multiplicadores na formação de atitudes.

Referências

ALENCAR, R. A.; CIOSAK, S. I.; BUENO, S. M. V. Formação do acadêmico enfermeiro: necessidade da inserção curricular da disciplina de sexualidade humana. *Brazilian Journal of Nursing*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 90-96, 2010. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452013000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; QUERINO, I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 548-574, 2008.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual no contexto inclusivo: um estudo teórico. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 2, n. 2, 2007.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.153-179.

MANDÚ, E. N. T. Consulta de enfermagem na promoção da saúde sexual. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 57, n. 6, p. 729-732, 2004.

MOTTA, M.V.S. A sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. v. 7. ed. especial 2, p. 181-190, 1996.

RIBEIRO, M. *O prazer e o pensar*. v. 1. v. 1. São Paulo: Ed. Gente, 2000.

SCHETTERT, P. A. S. *O Perfil dos profissionais de saúde que trabalham com educação sexual de adolescentes*. TESE. IGF. RJ. 2002.

SANTOS, L. V.; CAMPOS, M. P. A. Abordagem da sexualidade humana durante a graduação em enfermagem. *Revista Nursing*, Barueri, v. 10, n. 117, p. 81-88, 2008.

SANTOS, L. V. et al. Sexualidade humana: nível de conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 303-306, 2007.

SERAPIÃO, J. J.; SILVA, M. C. A. Disciplinas de sexualidade humana para os cursos de graduação em medicina e enfermagem da Universidade Gama Filho. RJ. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 7, ed. especial 2, p. 135- 138, 1996.

SERAPIÃO, J. J. *Variações do comportamento sexual entre graduandos de diferentes cursos*. Apresentação de Trabalho/Congresso VII Brasileiro de Sexualidade Humana.1999.

SHINDEL, A.W. et al. Medical student sexuality: how sexual experience and sexuality training impact U.S. and Canadian medical students "comfort in dealing with patients" sexuality in clinical practice. *Academic Medicine*. Washington, DC, v. 85, n. 8, p. 1321-1330, 2010.

Bibliografia consultada

AUAD, D. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. Pearson: São Paulo, 2006

CAVALCANTI, R. C. et al. *Saúde sexual e reprodutiva, ensinando a ensinar*. Brasília: Artgraf, 1999.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação e sexualidade. Notas da aula da disciplina: *Educação e sexualidade*. Curso: *Pedagogia*. Salvador: UNIFACS, 2014. (Módulo da disciplina).

FAYES, T. et al. Medical students awareness of sexual health is porro. *International Journal STD & AIDS*. Colchester, v. 14, n. 6, p. 386-389, 2003.

JOHNSON, V.E.; MASTER, W. H. *A inadequação sexual humana*. São Paulo: Roca, 1985.

NAHOUM, J. C. *Construção do feminino*. Rio de Janeiro: Elea, 1989.

PARDIM, M, I. *Sexualidade na escola minha visão da sexualidade no âmbito escolar memorial de formação*. Campinas: 2008. Trabalho de conclusão de curso apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF)

SERAPIÃO, J. J. Interdisciplinaridade em Sexologia. In: Dante Gastaldoni. (Org.). *Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar*. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Editoria Central da UGF, 1997. p. 9-15.